

Uma antevisão da economia brasileira em 2008



ANTÔNIO CORRÊA
DE LACERDA*

A economia brasileira tem todas as condições de repetir, em 2008, o bom desempenho observado no ano passado. Embora prevaleçam várias incertezas quanto ao cenário internacional, isso não deve alterar substancialmente as chances de continuidade de um quadro favorável para o Brasil.

O grande trunfo da economia doméstica é o crescimento do mercado. Embora o ritmo de crescimento brasileiro de 5% ao ano ainda esteja aquém da média dos países em desenvolvimento, não há dúvida de que isso representa uma vantagem. Especialmente quando combinada com um quadro de inflação controlada. Apesar de uma certa pressão de preços, nada indica que a meta de 4,5% para o ano esteja ameaçada.

O ponto frágil do quadro macroeconômico continua sendo a valorização da taxa de câmbio. A contínua valorização do real, além dos estragos na estrutura produtiva, está provocando forte deterioração nas contas externas. Tudo indica que depois de cinco anos de superávits na conta de transações correntes do balanço de pagamen-

tos, 2008 deve, infelizmente, marcar a volta do déficit.

Trata-se evidentemente de um erro estratégico, especialmente em um momento em que a conjuntura internacional favorável parece mudar de rumo, como tudo leva a crer.

O superávit em conta corrente, junto com o ingresso de investimentos externos, foi o determinante para que o Brasil duplicasse o seu volume de reservas líquidas, de US\$ 17 bilhões no início de 2003 para US\$ 180 bilhões atualmente. Isso foi um fator determinante para reduzir a vulnerabilidade externa da economia, que adquiriu mais autonomia e vigor.

Do ponto de vista fiscal, há condições de manter o superávit primário das contas públicas. O próprio crescimento do nível de atividades proporciona uma melhora da arrecadação tributária e também da redução da relação dívida pública/PIB para 42,5%. Esse foi mais um bônus do crescimento da economia.

O ritmo da atividade produtiva continua forte, a julgar pelos dados da produção industrial de novembro, recentemente divulgados. Chama a atenção não só o ní-

vel de crescimento da indústria geral de 6%, acumulado de janeiro a novembro de 2007, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, mas também o desempenho do setor de bens de capital, que cresceu 19,5% no mesmo período. Isso quer dizer que os investimentos em máquinas e equipamentos estão crescendo mais que o triplo da indústria geral, um importante indicador de que a capacidade produtiva está

correndo à frente da demanda, o que ameniza riscos de desabastecimento e de pressões de preços. A carteira de projetos empresariais aprovados no Banco Nacional de Desenvolvimento

Econômico e Social (BNDES) também confirmam essa percepção.

Para consolidar esse quadro é fundamental que o governo preste a parte que lhe cabe dos investimentos públicos em infraestrutura, setor no qual há gargalos evidentes. Cortar investimentos nesse cenário equivaleria a um verdadeiro tiro no pé, uma vez que poderia comprometer todo o resultado esperado.

Embora o Brasil não seja uma ilha que possa ser blindada dos acontecimentos na economia mundial, as condições hoje são

muito melhores do que em um passado recente. Mesmo em um cenário agudo de recessão na economia norte-americana, o que pessoalmente não creio como o mais provável, há sim condições de manter um ritmo de crescimento interno acelerado. O potencial do mercado doméstico, que responde por 85% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, e a demanda de outros países com os quais o Brasil transaciona deverão proporcionar uma boa base para o crescimento da economia.

Essa boa condição de início de ano não deveria servir de fator de acomodação, mas de solidificação do que já foi realizado, assim como da busca de novas conquistas. Há uma possibilidade concreta de o Brasil ser promovido a grau de investimento na classificação das agências de risco. Isso não representará nenhuma panaceia para os nossos males, mas essa perspectiva tem feito aumentar consideravelmente os fluxos de investimentos diretos e de portfólio. Há indicadores evidentes desse processo no boom observado tanto na Bolsa de Valores de São Paulo, no interesse dos papéis (ADR) brasileiros na Bolsa de Nova York e no mercado imobiliário doméstico.

* Professor-doutor do Departamento de Economia da PUC-SP. Próximo artigo do autor em 31 de janeiro